



Gente Feliz com Lágrimas

João de Melo

Download now

Read Online ➔

Gente Feliz com Lágrimas

João de Melo

Gente Feliz com Lágrimas João de Melo

Colecção Mil Folhas, #29

Quando tinha 22 anos, em 1971, João de Melo foi enviado para a guerra que se travava entre Portugal e Angola, uma das suas colónias. Durante mais de dois anos, o romancista permaneceu em África como militar adstrito aos serviços militares de saúde. Dessa experiência e da sua infância nas ilhas dos Açores se alimenta boa parte da sua obra literária.

"A literatura - afirma João de Melo - é um espelho, um reflexo imaginário dos povos. É mais cómodo, mais certo, porventura até mais fácil, conhecermos os povos e os países pelo seu imaginário do que propriamente pela sua paisagem ou pela sua geografia".

"Gente Feliz com Lágrimas" é um desses textos que reflectem o imaginário de um povo. O seu tema gira em torno do mundo dos emigrantes dos Açores que, em meados do século XX, deixam a sua pequena pátria e as suas raízes e partem com toda a família em busca de novos horizontes na metrópole. A nostalgia da terra que fica para trás, a fragilidade dos nexos que unem a família e o mundo novo que enfrentam constituem um triplo desafio do qual é difícil sair airoso.

Gente Feliz com Lágrimas Details

Date : Published 2002 by Público (first published 1988)

ISBN : 8496075427

Author : João de Melo

Format : Hardcover 415 pages

Genre : Cultural, Portugal, European Literature, Portuguese Literature

 [Download Gente Feliz com Lágrimas ...pdf](#)

 [Read Online Gente Feliz com Lágrimas ...pdf](#)

Download and Read Free Online Gente Feliz com Lágrimas João de Melo

From Reader Review Gente Feliz com Lágrimas for online ebook

Maria says

para além do título, que sempre achei lindo, poético e tão real..., gostei bastante deste livro.

Isabel Maia says

Tendo como pano de fundo o arquipélago dos Açores, mais concretamente a Ilha de S. Miguel, ficamos a conhecer um enredo que tem quatro grandes momentos. Numa primeira fase ficamos a conhecer a família que está no centro desta narrativa pela voz de três dos filhos: Nuno, Maria Amélia e Luís Miguel. Através das suas memórias somos transportados para a infância destes irmãos, uma infância pautada pela violência a que estavam votados pelos pais. Obrigados a fazer trabalhos pesados, agredidos pelo temido papá houvesse ou não um motivo para tal, alimentados sem quantidade ou substância, tudo isto fez com que aquelas crianças que se tornaram adultas cedo demais e os traumas ficassem para sempre. Para fugir a tudo isto Nuno ingressou no seminário, Maria Amélia no convento e Luís Miguel alistou-se no serviço militar depois de anos a defender os irmãos mais novos da tirania do pai. Numa segunda fase é apenas Nuno que fala. Ficamos a saber do percurso de Nuno e Maria Amélia na vida eclesiástica que seguiram, o futuro de ambos após essa fase de vida e as vagas de emigração da família para o Canadá e para os Estados Unidos. Numa terceira fase ouvimos o ponto de vista de Marta, a esposa de Nuno, sobre a vida dele, sobre o seu casamento, sobre a sua própria vida, os seus anseios e as suas expectativas. E por fim acompanhamos Nuno de volta aos seus Açores natal, à casa da família que guarda tantas memórias.

Este não é um livro fácil de ler. Requer predisposição para o fazer, sangue frio para não nos horrorizarmos com aquilo que vamos ler, imparcialidade para não odiar umas personagens e amar outras. Todos nós em algum momento da nossa vida ouvimos histórias dos nossos pais ou dos nossos avós de quão difíceis eram os tempos no seu próprio passado. As famílias numerosas com poucos recursos, o alimento parco que escasseava, as batatas cozidas com a pele, a sardinha dividida por 4 ou 5 pessoas, as sopas feitas de saramagos dos campos, a fatia de broa que os mais afortunados recebiam como lanche para levar para a escola, etc. É isso que encontramos neste livro, o relato de um arquipélago agreste e pobre, que embrutece quem nele habita. Mas o que mais horrorizou, principalmente na primeira fase da história, foi o relato de violência a que as personagens estavam sujeitas. Por muito dramática ou dura que seja a realidade de uma família, por muito numerosa que a mesma seja, nada justifica essa falta de afectos de pais para filhos. Nada justifica também a falta de acção dos restantes familiares e vizinhos, conhecedores e coniventes com a situação. Nada justifica que por muito pobre que uma criança seja, a mesma não tenha direito a uma infância feliz. Outra das coisas que ajudou a cortar um pouco o interesse pelo livros foram as várias considerações filosóficas que, sobretudo na segunda fase do livro, a personagem Nuno ia semeando pelo relato, distraindo o leitor daquilo que era o essencial. No entanto nem tudo é mau. As descrições que o autor faz sobre as paisagens da ilha são muito vivas e trazem ao leitor aquilo que é o encanto e a beleza que todos conhecemos dos Açores. Concluindo, este não é um mau livro, apenas tem de ser lido com a predisposição de o apreciar na sua total essência.

Elisabete says

Nunca pensei que tal acontecesse, mas é um dos meus livros preferidos.
Explora a condição humana. Dá para senti-lo nas entranhas.

Natacha Martins says

Gente Feliz Com Lágrimas é um livro triste, muitas vezes violento e tão estranhamente próximo que se torna por vezes incómodo. Nele é narrada a história de Nuno e da sua família. Nuno é açoriano e o quarto filho de uma família onde as crianças nascem a um ritmo acelerado, "roubando" aos irmãos mais velhos a infância e a pouca ternura que os pais lhes dispensavam.

O livro está dividido em cinco partes. Na primeira parte Maria Amélia, Luís e Nuno contam-nos a infância dura que tiveram, numa família que gravitava em torno dos humores da figura paterna, um homem violentíssimo e duro, que espancava os filhos e os considerava apenas como braços para trabalhar que cedo tinham de começar a merecer o pão que comiam. A mãe era uma mulher que, ao contrário do que seria de esperar, não era submissa, mas sim desligada dos inúmeros filhos que lhe iam crescendo no ventre, era mesquinha e a versão feminina do marido para as filhas que com ela ficavam a gerir a casa. Este casal era, de certa forma, perfeito um para o outro, todo o amor que sentiam era direccionado para eles próprios, os filhos eram uma consequência da paixão animal que viviam.

Desta forma, Maria Amélia, a primogénita, tornou-se a única figura maternal que muitos dos irmãos conheceram. Com 4 ou 5 anos já tomava conta dos irmãos que iam nascendo a um ritmo alucinante, cozinhava e geria a casa. Nos intervalos dessas tarefas levava porrada da mãe se se distraía nalgum devaneio de criança ou se a sua tenra idade lhe dificultava a execução de algumas tarefas. Tornou-se uma menina triste e uma adulta amargurada e de olhos cansados.

Luís, o segundo filho, era um miúdo de bom coração que tentava proteger os irmãos travando a violência do pai. Começou, como todos os irmãos, a ajudar o pai nas tarefas diárias que a quinta exigia. E tal como todos os irmãos sentiu desde cedo a mão pesada do pai.

Nuno nasceu pequenino, o gémeo que sobreviveu, e cresceu frágil, magro, de pele clara e com os olhos azuis da mãe. Tão diferente do pai e dos irmãos foi sempre perseguido pelo pai que o achava um inútil que pouco contribuía para a economia da família.

Para fugirem aos trabalhos desumanos da quinta e à falta de amor dos pais, Maria Amélia ingressou num convento em Lisboa, Nuno num seminário, também no Continente e, Luís voluntariou-se para a tropa acabando por ser enviado para guerra na Guiné. Maria Amélia acabou por ser expulsa do convento gerido por freiras pouco caridosas e formou-se enfermeira ficando livre da influência dos pais. Nuno tem o mesmo destino, sendo expulso do seminário por se ter começado a interessar por política e a questionar em demasia. Torna-se professor e mais tarde um escritor relativamente bem sucedido, é o intelectual da família, de quem acaba por se afastar.

Nas restantes partes do livro, a história é narrada na perspectiva de Nuno, que entretanto se casou com Marta, a mulher que sempre idealizou mas por quem acaba por se desencantar. Conhecemos a sua vida e a dos irmãos que se encontram todos a viver no Canadá, para onde os pais também foram e onde acabam por morrer. Tanto Nuno como os irmãos vivem uma vida superficial, uma felicidade que nunca poderá ser livre de lágrimas, são todos eles "gente feliz com lágrimas".

É um livro pesado, muitas vezes doloroso e estranhamente comovente porque é desesperante a forma como todas aquelas crianças procuravam um gesto de ternura, de como mesmo sendo maltratadas não conseguiram nunca odiar os pais, tendo até tornado os seus últimos anos de vida o menos dolorosos possível. Que este pai me tenha conseguido surpreender com alguns gestos de genuína afeição no meio de tanta violência e descontrolo e que esses gestos tenham sido guardados nas memórias de infância daqueles adultos como se se tratassem de preciosidades é de cortar o coração. É na realidade um livro de cortar o coração e real demais.

O que me fez mais confusão foi o facto de eles nem serem uma família considerada pobre. Tinham algumas posses, eram proprietários de algumas terras e possuíam muitos animais. Trabalhavam muito é certo e tinham muitos filhos, mas a pobreza neste caso não era desculpa para a violência a que as crianças eram sujeitas desde cedo, forçadas a trabalhos pesados e a responsabilidades completamente desadequadas às suas idades. Não existiam atenuantes para a falta de amor daquele pai e daquela mãe e isso foi o que mais confusão me fez. Isso e o facto de toda a vizinhança saber do tratamento que era dado às crianças da família e nada fazer para além de criticar, virar costas ao pai e mais tarde ostracizar os filhos por serem filhos de quem eram. É um livro muito duro mas que está escrito com algum sentido de humor e onde a crítica social está bem evidenciada. Retrata uns Açores agrestes, onde a natureza quase selvagem tornava a vida de gente já muito pobre ainda mais difícil. Bonitos e magníficos mas onde era extremamente duro viver e cujos habitantes eram eles próprios duros e tristes e cansados e desesperados.

Concluindo, é um livro que está escrito numa linguagem extremamente rica e poética, cuja história é do mais angustiante que já li e que recomendo sem qualquer hesitação.

Manuela says

"Gente feliz com lágrimas" tem 30 anos e o que poderá já não ser actual nas ilhas e em Lisboa, ali descritas de forma poética, e distante nos factos históricos de Portugal, será intemporal naquilo sobre o qual o autor escreve, parece-me.

Sobre a infância, essa marca indelével nas nossas vidas, a relação com os nossos pais, se tivemos ou não direito a abraços, a ternura, a beijos de boa noite e a conforto emocional nos tempos em que construíamos o carácter, a personalidade e nos moldávamos às vivências, aos que nos rodeavam e projectávamos o futuro como uma herança disso tudo, mais a nossa própria individualidade. Sobre as relações, o casamento, a emancipação e carregar memórias deixando para trás as emoções. Tornar-nos distantes de um passado mas com ele sempre bem presente nessa busca inerente da felicidade.

Muitas vezes, o livro apresenta-se quase como um "nó na garganta" porque nos vai às gavetas das memórias. O "primeiro livro" é arrebatadamente triste mas sempre tão esperançoso, nos relatos daqueles que protagonizam a história.

Tantos irmãos e três deles apresentam-nos as suas visões de como viveram a infância, o amor e ódio aos pais, a fuga para um novo mundo, que se revelaria desprezível a outros níveis. E se fossem os outros irmãos? O que nos contariam? E os pais? Que revelariam os seus relatos se o livro lhes desse voz?

Não terá sido afinal um só (Nuno), escondido num escritor, aquele que assumiu a visão sobre essa busca de felicidade, dele próprio e de todos os outros?

Um livro esmagador pela força das palavras que nos arrasa de tristeza, de dor, para depois pensarmos também no valor de abandonar os lugares, as pessoas. E de quantas vezes o fizemos na nossa própria vida para depois pensarmos num regresso. Ou talvez nem sempre tenha de existir esse regresso.

Gonçalo says

"Sabia que ia precisar de dormir muitas horas seguidas para conseguir superar o tumulto do mar e dos barcos, o qual perdurava dentro de si como uma surdez que lhe envolvia não um mas todos os sentidos" (Capítulo primeiro "Um qualquer de nós" p.21)

"Não sei dizer como nem quando os sonos da infância se converteram na insónia da minha vida. Habituei-me

em definitivo às cinco velozes horas de dormir. Se tento ficar mais, tempo na cama, começa a doer-me a espinha.(...) O espírito entra num desassossego, tangido pela peregrina suposição de que o mundo possa estar à minha espera." (Capítulo quarto "Nuno Miguel" p.93)

"...comprometido com a mais antiga e lúcida de todas as disciplinas dos vivos: o início duma grande paixão pela vida." (Livro Segundo "A 3.ª pessoa do singular" IV, p.231)

"Porém um homem errante e cheio dessas vãs e obscuras aflições em que todos os homens se perdem quando partem para longe dos seus." (Livro Quinto, 1, p.382)

Pequete says

Estava à espera de gostar tanto deste livro e afinal... não. É muita miséria, muita tristeza, muito problema de infância mal resolvido, muita introspeção, que resulta num livro difícil de digerir. Não que eu prefira as histórias cor-de-rosa, mas aqui, tudo parece negro demais (muitas lágrimas e pouca felicidade, ao contrário do que o título parece prometer).

Embora, aqui e ali, haja passagens muito bonitas, sobretudo na descrição das paisagens das ilhas, que me conseguiram transportar para lá, a prosa pareceu-me densa e a história dar voltas e reviravoltas, para ir repisar ideias já discutidas, numa espécie de longo monólogo interior de alguém a precisar de fazer psicanálise. Reconheço-lhe o mérito, mas decididamente, este não é o meu género...

Sonia Almeida Dias says

Aparentemente entrei este ano novamente na fase de autores portugueses. Depois dum intenso uso do kindle, voltei a debruçar-me sobre os livros em papel que ainda tinha por ler lá em casa, bem como algumas compras de livros usados para refrescar novamente a língua mãe. Este foi mais um desses livros, que estava perdido no tempo lá por casa.

É um livro bastante interessante, a história da diáspora açoreana, mas ao mesmo tempo muito mais que isso. É um olhar para o tempo da outra senhora, para uma infância na pobreza, mas mais ainda, uma infância numa família disfuncional e a inadequação, insatisfação que para sempre daí advém.

É talvez demasiado grande, perdido por vezes em reflexões difíceis de seguir, e apesar do título estar muito bem conseguido, é depois repetido incansavelmente ao longo do livro, retirando-lhe a força.

Aconselhado a todos os que gostam de literatura portuguesa, que têm forças para ler um livro grande e nem sempre linear, e a todos os que gostam de conhecer realidades diferentes e ao mesmo tempo tão próximas de nós.

Neni says

De uma tristeza atroz, ainda assim incrivelmente bonito. Um livro que jamais esquecerei.

Margarida says

Não é fácil de ler; uma enorme tristeza cobre as quase 500 páginas; a narrativa é lenta, por vezes densa, o que forçou à releitura de umas quantas frases. Apesar da infância triste, tão pobre e tão violenta e sem amor daquelas crianças, gostei muito mais da primeira parte do que das restantes.

Daniela S. says

[...] devido à sua escrita complexa, que exige um pouco de concentração, e aos momentos confusos pela narração que não segue uma ordem cronológica linear, decidi desistir desta leitura. Estava a custar-me muito e não estava a ficar satisfeita. É verdade que é a quarta vez, este ano, que desisto de uma leitura. No entanto, penso que não vale a pena um leitor sentir-se forçado a ler algo que não está a gostar só porque não fica bem! Ainda assim, hei de ler este livro no futuro. Aliás, acho que vou falar nele na universidade, por isso... Até logo, Gente Feliz com Lágrimas!

Para ler a opinião completa, visite o link: <http://simplesmenteamolivros.blogspot...>

Francisca Viegas says

Tentei mesmo ler este livro.

Quatro meses, a lê-lo, e não passei de um quarto do livro.

Não sei muito bem o que é que me aborreceu mais: se as choraminguices do autor, se a prosa.

Achei um romance denso demais, mas é possível que seja apenas a altura no qual o estou a ler.

Vou tentar voltar a lê-lo daqui a uns tempos.

Ana says

É humanamente impossível não descerrar a última página desta obra e não continuar a sentir que se foi abalroado por uma hecatombe de “um sofrido sofrimento e de uma miséria miserável” (pág. 313). O nó na garganta, o peso no peito, tudo se mantém.

Não foi uma leitura fácil. Muito menos leve e agradável. Ponderei muitas vezes não terminá-la. Mas fui avançando, sabendo que seria mais do mesmo – uma narrativa carregada de violência, de maus-tratos, de incompreensão, de frustração, de muita falta de afeto, de contínuos desejos de evasão e de um presente e futuro cinzelados pelo passado. Uma narrativa que nos atropela, nos esmaga, mas que o faz através de uma escrita poderosamente bela, que suaviza e amarga momentos que, por exemplo, descrevem o amor que Nuno faz com a sua mulher, Marta ou relatam de forma crua e intensa o diálogo que os dois mantêm e que nos anuncia o final do seu casamento.

A obra está dividida em seis páginas, em seis “Livros” e através deles vamos conhecendo os elementos de uma família açoriana. Vivem daquilo que o campo e os animais lhes providenciam e, tal como muitos outros insulares, zarpam das suas terras em busca de uma vida melhor no continente americano. Apenas Nuno não foi tocado por esse desejo e viverá a maior parte da sua vida no continente, em Lisboa.

No “Livro primeiro”, entramos nas recordações de três irmãos – Luís Miguel, o mais velho, Maria Amélia, a rapariga mais velha, e Nuno Miguel, o quarto dos irmãos e aquele que será o protagonista desta história. E

essas recordações marcarão o ritmo do que se seguirá nos restantes “Livros”. E marcarão o seu tom, um tom tão amargurado, tão doloroso, tão sofrido (mas infelizmente tão familiar naqueles tempos e quem sabe nos de hoje...), que desejei e tudo fiz para sacudi-lo e tirá-lo de cima de mim. É um “livro” penosamente longo, demasiado longo, na minha opinião, pois se o autor o tivesse escrito em menos páginas, o efeito no leitor seria o mesmo, já que alguém com o poder de escrever com uma escrita assim perfeita fá-lo-ia facilmente. É um “Livro” que nos recorda um país debaixo da mão de ferro de um ditador caquético e de uma religião castigadora, um país de gente que existia para reproduzir, para criar mão-de-obra gratuita e subtrair-lhes alimento em benefício de um monte de notas passadas a ferro e escrupulosamente guardado debaixo do colchão. É ainda um “Livro” que nos marca a ferro quente uma dor doentia perante uns pais que são piores que animais, que os tratam melhor que aos próprios filhos.

Nos restantes “Livros” prossegue a saga das referidas personagens, de uma gente que não consegue ser feliz, mas que raramente verte lágrimas sentidas, que se acomodou a uma existência miserável, a uma existência que pouco difere da que deixou na infância açoriana. É certo que o dinheiro agora abunda, mas não consegue ser sinónimo de felicidade.

Esta foi a minha primeira experiência no mundo dos livros de João de Melo. Encantou-me a sua escrita, rendi-me a passagens lindíssimas, mas confesso que tenho receio de pegar noutra obra sua... O excesso de dor, de sofrimento, de miséria humana retraem-me...

E fico-me por aqui...

NOTA – 08/10

<http://osabordosmeuslivros.blogspot.pt/>

Cátia Santos says

Wonderful writing but it can get to you: it's a sad book about some sad memories. It's like an odyssey of azorean tears and regrets. Wonderful but sad.

Ricardo Alves says

Quando é que percebemos que um romance é um grande romance? Quando ao fim das primeiras vinte ou trinta páginas verificamos duas coisas: o autor dando muito (ou tudo...) de si, dádiva que recebemos por vezes até com algum pudor; e quando o estilo é um profundo e honesto trabalho sobre a escrita, muitas vezes na corda bamba, pois a literatura com L tem de estar sempre nesse patamar elevado em que o autor a si próprio se desafia.

Vem isto a propósito do romance de João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas* (1988), saga (ou anti-saga) duma família açoriana. Irmãos com infâncias fechadas e trabalhosas, tiranizadas pelas idiossincrasias paternas; a saída da ilha (uma fuga, no fundo), seminário e convento, guerra em África, emigração para a América, desenraizamento. Alguns triunfos com amargos de boca, na escrita ou na vida. A narrativa flui a várias vozes, a personagem principal, Nuno, seminarista expulso, depois professor e escritor; mas também alguns irmãos, cada um dando a sua perspectiva ao leitor; Nuno e Marta, depois, (ex-)marido e (ex-)mulher; e Nuno e o seu duplo, Rui Zinho, pseudónimo com que assina a obra literária.

É um dos grandes romances portugueses do século XX, de extrema poeticidade, elaborando sobre a passagem do tempo, onde, apesar das lágrimas, se vai à procura de alguma felicidade imaginada, construída

para além dos traumas
